

HOMOSSEXUALIDADE E HOMOFOBIA: CONCEITOS OU PRECONCEITOS?

Felipe Adaid¹

HOMOSEXUALITY AND HOMOPHOBIA: CONCEPTS OR PREJUDICES?

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar, de forma introdutória, o conceito de homossexualidade sob um enfoque crítico, mormente no que se refere à questão da homofobia, a fim de transcender as discussões que orbitam a psicologia e a sociologia. Desta feita, já se pressupõe que qualquer tentativa de entender a categorização da sexualidade aponta para uma visão não apenas reducionista, como também preconceituosa. A pergunta que, então, delimita a pesquisa pode ser assim formulada: como é possível pensar a homossexualidade, levando-se em conta a questão da homofobia, de forma a não cair em um discurso que reduza sua complexidade? Em relação ao método de pesquisa, utilizou-se da revisão bibliográfica por meio de textos da psicologia e da sociologia. Neste sentido, o referencial teórico aponta para o estruturalismo.

Palavras-Chave: homossexualidade; homofobia; conceito; preconceito

ABSTRACT: This article aims to analyze, in an introductory way the concept of homosexuality under a critical focus, especially with regard to the issue of homophobia in order to transcend discussions that orbit the psychology and sociology. This time, since it is assumed that any attempt to understand categorization of sexuality points to a vision not only reductionist, but also biased. The question, then, marks the research can be formulated as follows: how can thinking homosexuality, taking into account the issue of homophobia in order to not fall into a discourse that reduces its complexity? Regarding the research method, the article will be carried out through literature review, through psychology and sociology texts. In this sense, the theoretical framework points to a structuralist nature.

Keywords: homosexuality; homophobia; concept; prejudice

A busca das causas da homossexualidade constitui, por si só, uma forma de homofobia, já que ela se baseia no preconceito que pressupõe a existência de uma sexualidade monogâmica em função da qual se deve interpretar e julgar todas as outras sexualidades (BORRILLO, 2010, p. 71).

¹ Advogado e Mestre em Educação pela PUC-Campinas. E-mail: felipeadaid@gmail.com.

Introdução

No que se refere ao tema central do trabalho, qual seja, a homofobia, primeiro se deve ressaltar a respeito de sua cada vez mais comum ocorrência, refletida na grande mídia, o que por si só já justificaria seu estudo. Diariamente os telespectadores assistem atônitos os reflexos desse sentimento de ira que assombra a sociedade. Os índices mostram a realidade alarmante da violência vivida pelos grupos homossexuais, sobretudo nas grandes metrópoles (Idem). É evidente que este não é um problema advindo com a pós-modernidade, o ódio irracional contra indivíduos que não vivenciam a heterossexualidade é muito mais antigo, conforme será exposto durante a discussão. Por mais que determinados grupos religiosos e políticos neguem, a homofobia é um fato e seus reflexos podem ser observados tanto nos infundáveis índices e pesquisas, como também no cotidiano. Sendo um fato social, recorrente e nefasto, esta pesquisa não se resumirá à fria análise numérica de estatísticas e gráficos, para este fim já existem inúmeros outros trabalhos empíricos que se propõe a expô-la. Neste sentido, antes mesmo se pergunta o que é a homofobia e qual é a sua relação com a homossexualidade? De tal feita, talvez seja mais oportuno tentar entender melhor a vítima do fenômeno homofóbico.

De acordo com Borrillo (2010), entender ou estabelecer um conceito para a homossexualidade implica limitar a compreensão do fenômeno e pensar o seu enfrentamento somente a partir de medidas voltadas a minimizar os efeitos de sentimentos e atitudes de indivíduos ou grupos homofóbicos. Ainda segundo o autor, é certo que a palavra foi cunhada em 1971 em um artigo científico escrito pelo psicólogo Kenneth Smith. Contudo, a palavra só foi dicionarizada na década de 1990. Evidentemente, a expressão se origina de um neologismo entre a remissão homossexual e fobia. Apesar de sua popularidade, a expressão foi a única a ser criada por meio do neologismo e com o mesmo significado. Em 1967 Churchill escreveu sobre a *homerotofobia* e, no ano de 1976 Lehne optou pela expressão *homossexismo*. Não obstante sua popularidade, o vernáculo *homofobia* apresenta uma evidente falta de lógica, uma vez que pela análise etimológica significa medo de iguais, visto que o prefixo grego *homo*, por si só, não garante o enten-

dimento correto do sentido homossexual. Por esse motivo, parece mais adequado o neologismo criado por Levit e Klassen em 1974, qual seja, *homossexofobia*. Infelizmente, esta não foi a expressão que vingou, e, para evitar futuros imprevistos, a garantir o melhor entendimento do propósito da pesquisa, ficou definida a versão mais popular (BORRILLO, 2010, p. 71).

Estabelecido um conceito inicial de homofobia, levando em conta, mormente sua raiz etimológica, insta, doravante, discorrer sobre a vítima deste fenômeno, a qual, em princípio, é apontada pela figura do próprio homossexual enquanto indivíduo. Porém, é possível que a homofobia esteja ligada mais ao comportamento homossexual do que com o indivíduo que o pratica, à medida que, talvez, o sentimento aversivo nasça não pelo indivíduo propriamente, mas sim pela expressão de comportamentos que indiquem sua homossexualidade. Destarte, importa, de agora em diante, tentar entender quem é este indivíduo que se comporta de forma homossexual e se seria possível estabelecer um conceito que definisse de forma mais clara a homossexualidade. Pois, *a priori*, não seria leviano notar a complexidade do tema, uma vez que a ciência, seja por meio da psicologia, seja por meio da sociologia, ainda não conseguiu definir de forma precisa, ou seja, enquanto objeto cognoscível de estudo, o homossexual ou a homossexualidade, nem mesmo se há diferença entre o indivíduo homossexual – se é que ele pode ser taxativamente classificado assim – e a homossexualidade enquanto comportamento sexual, cultural ou social.

Há inúmeras formas de conceituar e distinguir a homossexualidade do homossexual: para alguns autores ela indica qualquer forma libidinal que possa levar o indivíduo a desejar outro de mesmo sexo, o que incluiria ao grupo os transexuais (MASTER; JOHNSON, 1984). Outros autores admitem uma linha mais restritiva, considerando o homossexual como indivíduo de gênero masculino ou feminino, cuja aparência condiz com seu sexo, deixando a transexualidade para um grupo sui generis (ZIMMERMAN, 1999). Para a presente pesquisa, a homossexualidade deve ser entendida como toda e qualquer expressão física, psíquica, ideológica ou social que envolva sexualmente dois indivíduos do mesmo sexo ou gênero. Cabe ainda ressaltar que, sobre o conhecimento etimológico, o vernáculo homos-

sexual advém da aglutinação entre a palavra grega *ὁμός*² – onde se lê *homo* – e do latim *sexus*³, ou seja, sexo igual.

O termo foi criado por volta de 1860 pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert para designar todas as formas de amor carnal entre pessoas biologicamente pertencentes ao mesmo sexo. Entre 1870 e 1910, o termo *homossexualidade* se impôs progressivamente nessa acepção em todos os países ocidentais, substituindo assim as antigas denominações que caracterizavam essa forma de amor conforme as épocas e as culturas: inversão, uranismo, safismo, lesbianismo. Definiu-se, então, por oposição à palavra *heterossexualidade*, cunhada por volta de 1880, que abrangia todas as formas de amor carnal entre pessoas de sexos biologicamente diferentes (ROUDINESCO, 1998). Classicamente, a literatura psicológica tem tratado as questões pertinentes aos homossexuais pela expressão *homossexualidade*, contudo, recentemente alguns autores têm adotado a denominação criada pela jurista Maria Berenice Dias, qual seja, homoafetividade, uma vez que a relação homossexual está muito mais pautada no amor e no afeto do que no sexo (DIAS, 2010). *Data venia*, no entendimento desta pesquisa, o termo criado pela ex-desembargadora se mostra apenas um eufemismo. Ademais, a expressão homossexualidade parece mais apropriada, pois a sexualidade é um aspecto humano bastante abrangente e envolve também o amor e o afeto⁴. Sendo assim, pela análise etimológica, o termo *homoafetividade* – do qual se deveria entender afeto ou amor entre iguais – não apenas seria reducionista, como também açambarcaria também qualquer relação de afeto entre indivíduos do mesmo sexo, incluindo as relações afetivas fraternais e paternas. Fato que demonstra não apenas a incipiência etimológica, como beira o ridículo, pois a relação de afeto entre dois homens ou duas mulheres não necessariamente está ligada a condutas sexuais – em que pese o entendimento edípico e libidinal da psicanálise. Salvo, é claro, se a expressão *homoafetividade* estiver ligada exclusivamente à questão da união civil, na qual, por evidente, a homossexualidade estaria subentendida, mas jamais como sinônimo desta.

Discussão

Conceituar a homossexualidade ou o homossexual parece ser uma tarefa fácil, tendo em vista que todas as pessoas já têm ideias preconcebidas a respeito deles. Mais do que preconceitos, o senso-comum sempre se ocupou de descrever os homossexuais, muitas vezes com olhar de reprovação. Como será analisado a seguir, cada cultura ao longo da história tinha sua forma de analisar a questão da homossexualidade, e, cada qual à sua maneira, mesmo nas culturas mais liberais, a homossexualidade era de alguma forma desprezada ou minimamente reprovada em alguns aspectos. O que demonstra que a homossexualidade, em sua forma plena e em seus mais variados tipos, jamais foi absolutamente tolerada, pelo menos nas sociedades que se têm registros históricos e literários. É claro que a homossexualidade é debatida desde os tempos mais remotos e sua literatura é vasta, contudo, perante a ciência, ou seja, segundo a Biologia, a Sociologia, a Psicologia e a Psiquiatria, a homossexualidade ainda permanece um objeto mal compreendido. Possivelmente, a nebulosidade que orbita o tema se deva à própria incompreensão da sexualidade humana, reflexo de sua complexa e ininteligível subjetividade. Mesmo dentro da própria psicanálise existem divergências a respeito de um conceito específico sobre a homossexualidade, ora tratado como característica perversa da personalidade, ora como posição narcisista neurótica.

Nem Sigmund Freud, nem seus discípulos, nem tampouco seus herdeiros, fizeram da homossexualidade um conceito ou uma noção própria da psicanálise. Por conseguinte, o freudismo, consideradas todas as suas tendências, não produziu nenhuma teoria específica sobre essa inclinação sexual que se fez derivar da bissexualidade característica da natureza humana e animal, e que foi inicialmente ligada ao campo das perversões sexuais e, mais tarde, ao da perversão em geral, como elemento de uma estrutura ternária que engloba a psicose e a neurose (ROUDINESCO, 1998, p. 350).

² DICIONÁRIOS ACADÊMICOS. Grego-Português; Português-Grego. Portugal: Porto, 2009

³ DICIONÁRIOS ACADÊMICOS. Latim-Português; Português-Latim. Portugal: Porto, 2008.

⁴ A expressão homossexualismo era mais comum até meados do século XX e logo foi substituída por homossexualidade. A diferença entre os dois vernáculos está no sufixo, enquanto aquela tem sufixo ismo, está ligado à ideia de patologia, ao passo que *dade*, está relacionado ao estado. Assim, visto que oficialmente o termo homossexualismo só deixou a lista de doença mentais na década de 1970, foi a partir de então que a palavra caiu em desuso, tornando-se, inclusive, ofensiva.

Seja qual for a escola psicanalítica adotada, a homossexualidade sempre é tratada como um fato de desvio sexual, uma anomalia sexual. Nas inúmeras fontes psiquiátricas do final do século XIX e início do XX, ela é associada ao suicídio e a outras perturbações psíquicas. Em seu texto *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo* (FREUD, 2000), Freud traça uma relação entre a paranoia e a homossexualidade ao analisar um paciente homossexual que sofria de recorrentes perseguições *imaginárias*. No mesmo texto, Freud ainda afirma que a causa da homossexualidade está relacionada à falta da figura paterna. Assim, a total falta da figura do pai, ou a existência de um pai fraco, fazendo com que a mãe exerça duplo papel familiar, causa tamanho trauma na criança que seu mecanismo de defesa se encontra na homossexualidade⁶. *Data venia*, é claro que as perturbações e distúrbios psicológicos vivenciados pelos homossexuais eram fruto do próprio preconceito social, juntamente com suas frustrações sexuais. O problema não estava no paciente homossexual, mas no modelo moralista da psiquiatria da época, que ainda enxergava de forma bastante patologizante esse aspecto social.

Ao falar em sexualidade, deve-se ter em mente que este é o instinto mais primitivo e inerente à própria vida, possivelmente mais importante do que o instinto que impele alguns animais e seres vivos para a alimentação ou absorção de nutrientes. A reprodução e a sexualidade parecem galgar maior destaque na sobrevivência, pois, muito embora grande parte dos seres não sobreviva por muito tempo sem oxigenação e alimentação, a reprodução é fundamental para a continuidade da espécie, o que, de início, já torna a homossexualidade contraditória a essa regra, visto que ela nega este instinto de propagação. Ao mesmo tempo, inúmeros estudos apontam que mais de 1500 espécies de animais, incluindo mamíferos, quadrúpedes, peixes, pássaros e répteis, já foram documen-

tadas praticando relações homossexuais. Inclusive em algumas espécies, assim como nos humanos, determinados indivíduos têm preferência pela forma homossexual (POIANI, 2010)⁷, o que talvez fortaleça a teoria da homossexualidade genética. Não obstante a contrariedade entre as teorias, não há que se negar que não é apenas a Biologia que prepondera na homossexualidade, visto que segundo as mais recentes pesquisas, apenas 50% dos gêmeos idênticos apresentam a mesma predileção sexual (BAILEY, 2012). Neste sentido, parece que o meio social também é um fator bastante preponderante para a homossexualidade. Assim, abre-se uma nova discussão, a homossexualidade é inata ou adquirida?

A Medicina e a Biologia trazem a clássica divisão e diferenciação entre sexo e gênero. O sexo se refere aos aspectos biológicos do indivíduo, seja ele humano ou qualquer outro tipo de animal, assim ele será dividido entre macho e fêmea. Na espécie humana, pelo menos, a diferenciação sexual se dá pelos cromossomos sexuais XX, feminino, e XY, masculino. Contudo, nem sobre isso a natureza torna as coisas claras, uma vez que existem inúmeras anomalias cromossômicas que alteram esta configuração sexual, dando origem a seres humanos com órgãos sexuais ambíguos, como no caso do hermafroditismo, em que muitas vezes o indivíduo apresenta aparências de um sexo, quando na verdade possui genética de outro sexo. Mais notáveis ainda são as más formações, que afetam diversas outras funções fisiológicas e cognitivas, como no caso da Síndrome de Klinefelter, na qual o cromossomo sexual X se duplica formando a combinação XXY. Ou ainda a Síndrome de Turner, na qual existe apenas o cromossomo X sozinho (MOTTA, 2007). Somente pela análise da contribuição genética já se tem ideia da gama de diversidades sexuais existentes, o que torna duvidosa a clássica divisão dos indivíduos entre machos e fêmeas.

⁶ Essa posição homossexual do paciente foi facilmente reconhecida. Não fizera amizade e não desenvolvera interesses sociais; tinha-se a impressão de que apenas o delírio fizera avançar o desenvolvimento de suas relações com os homens, como se tivesse assumido algumas das obrigações que haviam sido negligenciadas. O fato de seu pai não haver sido de grande importância na família, combinado com um humilhante trauma homossexual no início da mocidade, forçara seu homossexualismo à repressão e impedira-lhe o caminho à sublimação. Sua juventude toda fora governada por uma forte ligação à mãe. Cf. FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2000., p. 122.

⁷ *It is very unlikely that the evolutionary paradox of homosexuality will be resolved by appealing to a single cause or mechanism. On the contrary, this research provides both empirical evidence and theoretical arguments to support a scenario of multicausality for homosexual behavior. Based on the available comparative evidences, the conclusion is that homosexual behavior can be broadly understood in the context of adaptive evolution and therefore it is not a malfunction of sexuality.* Cf. POIANI, Aldo. *Animal Homosexuality: a biosocial perspective*. EUA: Cambridge, 2010. p. 51.

Decorre disso a necessária distinção entre sexo biológico e o gênero, que se refere ao fato psicológico, inerente ao sexo ao qual o sujeito se sente pertencente, e que o impele a representar um papel feminino ou masculino. Os termos sexo e gênero indicam o sentido da separação entre a sexualidade somatobiológica e a sexualidade psicológica na possibilidade de um devir divergente (BANDINTER, 1992, p. 254).

Em relação ao gênero, este se torna tema de maior efervescência, uma vez que depende de fatores culturais e sociais. Na maioria das culturas pelo mundo existe uma dicotomia entre o gênero, a dividir os indivíduos em dois, quais seja, homens e mulheres, o que geralmente está relacionado com suas características biológicas de macho e fêmea. Na sociedade, a cultura molda os indivíduos de forma que exista uma discrepância entre os gêneros, a criar uma lista de pré-requisitos e características para um deles. Assim, desde o nascimento o bebê já recebe uma classificação, homem ou mulher, que irá mudar o comportamento dos pais em relação à criança. Os meninos geralmente serão tratados de forma mais agressiva, principalmente pelo pai, de modo que também possam desenvolver sua agressividade, ao turno que as meninas serão tratadas com mais delicadeza. Os comportamentos próprios para cada gênero são moldados e logo introjetados pelas crianças, de forma que passam a fazer parte de sua personalidade.

Pode parecer desnecessária esta discussão inicial, uma vez que parece tão óbvio ao senso comum que as atividades físicas e pesadas estejam relacionadas aos meninos, ao passo que as atividades leves e delicadas às meninas, porém, é neste momento que nasce o grande problema dos gêneros. Visto que

essas regras que dicotomizam, os indivíduos estão pautados por premissas culturais, valorativas, elas oscilam conforme as tendências sociais, dessa forma são tão frágeis. Assim, as características de masculinidade e feminilidade são muito relativas e estão em constante mudança. Esse dinamismo certamente dificulta a formação da identidade de gênero, o que faz com que, de modo geral, os indivíduos tenham que a todo o momento estar provando para eles mesmos quem são, em uma frustrante tentativa de se adequar aos padrões de masculinidade ou feminilidade.

O sexo e o gênero não são os únicos mecanismos capazes de influenciar a sexualidade dos indivíduos, ou seja, não é porque alguém é macho ou fêmea, homem ou mulher, que irá se comportar sexualmente igual aos demais. A sexualidade é bastante fluida e se expressa de diversas formas, por meio dos sentidos e da percepção, os indivíduos provam o mundo e descobrem o que lhes dá mais prazer. A busca por um objeto que lhe sirva de depósito de toda sua energia libidinal pode ser das mais variadas formas e a literatura no campo da sexologia é bastante vasta nos exemplos. Em linhas gerais, é interessante notar que o objeto sexual, aquele que será alvo da libido, pode ser tanto algo físico, como outro ser ou, mais comumente, outro indivíduo, como também uma situação específica ou um determinado comportamento. Assim, nota-se, então, que nem sempre o prazer será encontrado em outro indivíduo.

A psicanálise freudiana chamou de fetichismo⁸ o fenômeno pelo qual o indivíduo busca um objeto determinado ou uma situação. Este novo elemento se apresenta como sucedâneo ao coito natural e saudável. A polidatria se apresenta como um exemplo de fetiche, em que o indivíduo foca sua descarga libidinal nos pés de outro, ao invés de focar do

⁸Termo criado por volta de 1750, a partir da palavra fetiche, derivada do português feitiço, sortilégio, artifício, retomado em 1887 pelo psicólogo francês Alfred Binet e, mais tarde, retomado pelos fundadores da sexologia, para designar qualquer atitude da vida sexual normal, que consiste em privilegiar uma parte do corpo do parceiro, caracterizada pelo fato de uma das partes do corpo (pé, boca, seio, cabelos) ou objetos relacionados com o corpo, como sapatos, chapéus, tecidos, serem tomados como objetos exclusivos de uma excitação ou um ato sexuais. Já em 1905, Sigmund Freud atualizou o termo, primeiro para designar uma perversão sexual, caracterizada pelo fato de uma parte do corpo ou um objeto serem escolhidos como substitutos de uma pessoa, depois para definir uma escolha perversa, em virtude da qual o objeto amoroso, partes do corpo ou objetos relacionados com o corpo, funcionam para o sujeito como substituto de um falo atribuído à mulher, e cuja ausência é recusada por uma renegação. Cf. ROUDINESCO, Elizabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 235.

ato sexual propriamente dito. Por outro lado, o conceito perversão⁹, segundo a psicanálise, designa não uma fixação por um objeto inanimado ou uma parte específica do corpo de outro indivíduo, mas um determinado grupo, cujas características, de algum modo, agradam ou chamam a atenção do perverso. Em seu exemplo, os pedófilos são os perversos atraídos pelos traços infantis, nas crianças e nos adolescentes, enquanto que os zoófilos são os perversos que se interessam não por pessoas, mas por animais, ou talvez encontrem nos seus parceiros humanos traços animais. É importante ressaltar que, durante certo período histórico ou segundo os estudos contemporâneos ainda pouco arrojados, a homossexualidade se confundiu com a perversão, à medida que se constituía como um comportamento de total desvio aos padrões morais.

Deve-se deixar claro, todavia, que o fetichismo e a perversão não necessariamente indicam uma patologia psíquica. A linha que separa o normal do patológico é frágil, e geralmente tende mais ao moralismo irracional do que propriamente ao método científico. Destarte, é possível entender que as parafilias, sejam elas de ordem fetichista ou perversa, são apenas traços da sexualidade de um indivíduo. O que não comumente indica sua total inclinação para aquele determina-

do desejo. A patologia diante do fenômeno sexual está muito mais ligada aos próprios sentimentos acerca dele do que por questões de efetivos desequilíbrios mentais. Em outras palavras, ser ou não patológico está sobremaneira mais relacionado com a forma como a sociedade vê o comportamento e como o próprio paciente se analisa. Em seu diapasão, como se apontou, a sexualidade se apresenta nas mais diversas formas e em seus mais diversos graus. Não obstante toda essa idiosincrasia, deve-se ressaltar que a literatura mais respeitada na ciência da sexologia coeva concorda que, mesmo diante das inúmeras possibilidades sexuais acessíveis aos indivíduos, eles invariavelmente se dirigem mais a determinadas características. Desse modo, segundo a referencial lição de Master e Johnson, a orientação sexual se refere ao fenômeno pelo qual leva o indivíduo em busca de um determinado grupo de indivíduos, relativo ao gênero, cujas características psicológicas, fisiológicas e sociais lhe agradam mais (MASTER; JOHNSON, 1975). A respeito da orientação sexual, existe, contudo, uma clássica divisão da sexualidade dividida entre homossexuais e heterossexuais, sendo, obviamente, os homossexuais aqueles que se sentem atraídos por indivíduos de mesmo gênero e sexo, ao turno que os heterossexuais são justamente aqueles que se atraem por indivíduos do sexo

⁹Termo derivado do latim *pervertere*, de *pervertere*, empregado em psiquiatria e pelos fundadores da sexologia para designar, ora de maneira pejorativa, ora valorizando-as, as práticas sexuais consideradas como desvios em relação a uma norma social e sexual. A partir de meados do século XIX, o saber psiquiátrico incluiu entre as perversões práticas sexuais tão diversificadas quanto o incesto, a homossexualidade, a zoofilia, a pedofilia, a pederastia, o fetichismo, o sadomasoquismo, o travestismo, o narcisismo, o autoerotismo, a coprofilia, a necrofilia, o exibicionismo, o voyeurismo e as mutilações sexuais. Em 1987, a palavra perversão foi substituída, na terminologia psiquiátrica mundial, por parafilia, que abrange práticas sexuais nas quais o parceiro ora é um sujeito reduzido a um fetiche, ora o próprio corpo de quem se entrega à parafilia, ora um animal ou um objeto. Retomado por Sigmund Freud a partir de 1896, o termo perversão foi definitivamente adotado como conceito pela psicanálise, que assim conservou a ideia de desvio sexual em relação a uma norma. Não obstante, nessa nova acepção, o conceito é desprovido de qualquer conotação pejorativa ou valorizadora e se inscreve, com a psicose e a neurose, em uma estrutura tripartite. Cf. ROUDINESCO, Elizabeth. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 584.

¹⁰A orientação sexual de um indivíduo é o grau em que ele sente atração sexual por pessoas do sexo oposto e/ou do mesmo sexo. Como Alfred Kinsey, o pioneiro pesquisador do sexo da década de 1940, a maioria dos cientistas comportamentais conceituam a orientação sexual como um continuum, que vai da exclusiva heterossexualidade até a exclusiva homossexualidade. Mas isso simplifica em demasia a situação, pois a orientação sexual compreende diversos comportamentos distintos, incluindo atração erótica ou desejo sexual, comportamento sexual, atração romântica e autoidentificação como pessoa heterossexual, homossexual ou bissexual. Cf. ATKINSON, Rita. *Introdução à psicologia de Hilgard*. São Paulo: Artmed, 2007. p. 397.

ou gênero aposto¹¹. Outrossim, existem autores que defendem também a existência de um terceiro tipo que não seria nem homossexual, nem heterossexual, visto que não se limita a meras características sexuais ou de gênero. Este terceiro grupo recebe o nome de bissexuais ou ambissexuais¹². Em que pese as diversas classificações existentes a respeito da orientação sexual, de grande importância se deu as inovações da Escala Kinsey, proposta pelo entomologista Alfred Kinsey, que dedicou mais de 40 anos de sua vida ao estudo da sexualidade humana. De acordo com sua escala, a orientação sexual humana se dividiria em sete níveis, sendo 0 o indivíduo exclusivamente heterossexual e 6 o indivíduo exclusivamente homossexual (KINSEY, 1949).

No que se refere ao Relatório Kinsey, a respeito da porcentagem de indivíduos homossexuais, realizada durante 20 anos de pesquisa utilizando uma amostragem com mais de dez mil indivíduos durante a década de 1940 e 1950, Kinsey concluiu que 37% dos homens já tiveram alguma experiência homossexual, sendo que de todos, apenas 10% se considerava predominantemente homossexual. Por outro lado, 41% das mulheres relataram já ter experienciado a homossexualidade, porém, apenas 13% se consideravam exclusivamente homossexuais (KINSEY, 1949, 1954). Um número bastante expressivo, considerando que tanto os 10% dos homens quanto os 13% das mulheres representavam apenas o seletivo grupo de indivíduos que se consideravam exclusivamente homossexuais. Na mesma linha empírica, outra monumental obra foi o Relatório Hite, realizado pela sexóloga estadunidense Shere Hite durante a década de 1980. Segundo seu estudo, 9% dos homens preferem fazer sexo homossexual, enquanto que 6% realizam sexo bissexual. Ao passo que 8% das mulheres preferem relações homossexuais. Interessante que a mesma autora assevera que, tanto os homens quanto as mulheres, mesmo

respondendo que nunca tiveram relações sexuais homossexuais ou tendo uma preferência heterossexual, possuem curiosidade em experimentar a homossexualidade (HITE, 1981, 1985). Infelizmente nenhum trabalho de ordem empírica foi realizado após os anos 1980 obtendo a mesma magnitude dos relatórios de Kinsey e Hite. No Brasil, algumas estatísticas foram realizadas, inclusive uma pela Universidade de São Paulo, as quais notoriamente chegaram a números muito aproximados aos de Kinsey e Hite, o que demonstra que, muito embora essas estatísticas não gozem de plena confiabilidade, a porcentagem de homossexuais, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, se aproxima de 10%.

Mesmo diante de pesquisas mundialmente reconhecidas e respeitadas como Kinsey, Hite e o casal Master e Johnson, na realidade a classificação da sexualidade por meio da amostragem requer certo cuidado. Quando se fala em sexualidade não se está delimitando um aspecto visível ou mensurável, como idade, tamanho e etnia. A sexualidade é um atributo necessariamente subjetivo no homem, que, muito embora possa ser observado, diz respeito a processos e fenômenos psicológicos, internalizados e que, muitas vezes, nem mesmo o próprio indivíduo tem consciência de sentir. A homossexualidade, pois, se refere a um pequeno aspecto da sexualidade, quando se pergunta a alguém se ele é homossexual, não é o mesmo que perguntar se ele já se relacionou de forma homossexual, muito menos se equivale a perguntar se ele tem ou já teve desejos homossexuais. Não há dúvida de que esses aproximados 10% de indivíduos sejam de fato homossexuais, conscientes de seus desejos e aspirações, contudo, se fosse possível mensurar quantos mais indivíduos gostariam de vivenciar a homossexualidade ou tiveram qualquer resquício de desejo, por mais recalcado que fosse, indubitavelmente essa porcentagem seria muito maior.

¹¹A divisão sexual entre homossexuais e heterossexuais advém, sobretudo, dos autores anteriores à Psicanálise. Foi Freud quem primeiro escreveu sobre a natureza bissexual do homem: "esses problemas neuróticos só poderão ser resolvidos quando nos basearmos integralmente na hipótese da bissexualidade originária do indivíduo" Cf. FREUD, Sigmund. Sobre a psicopatologia do cotidiano. In: Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 89.

¹²As oportunidades sexuais são aceitas ou repelidas com base na necessidade física. O elemento de atração é construído pela personalidade e atributos físicos do parceiro ou parceira potencial, independente de sexo. Na realidade, a atração maior é a própria oportunidade sexual, vindo os atributos de personalidade e físicos do parceiro, em um distante segundo lugar. Simplesmente nenhum significado é atribuído ao sexo do parceiro potencial como fator de atração. Cf. MASTER, William; JOHNSON, Virginia. Homossexualidade em perspectiva. São Paulo: Artes Médicas, 1977. p. 140.

Conclusão

Pecadores perante a onisciência divina, criminosos aos olhos cegos da Justiça e doentes mentais segundo a análise científica. A grande verdade é que, até há pouco tempo, os homossexuais não passavam de uma massa inerte e inútil em nossa sociedade. Sua única finalidade era servir de chacota em programas de humor barato, por meio de personagens ridículos e estereotipados. Isso quando eles não eram alvo de alguma piada feita por qualquer machista, motivado por sua carência de autoafirmação masculina. A homofobia não pode ser encarada apenas como um aspecto social ou a resposta de um grupo frente a determinado fenômeno, ela é uma nefasta realidade milenar que vem acompanhando a humanidade. Logo, não obstante o colorido arco-íris da bandeira GLBT, a mais breve observação demonstra uma verdade bastante cinzenta (ADAID, 2013). Sendo assim, conforme já apontado na epígrafe do artigo, a citação de Daniel Borrillo resume de forma bastante contundente qualquer tentativa de compreensão da homossexualidade, em suas palavras: “A busca das causas da homossexualidade constitui, por si só, uma forma de homofobia, já que ela se baseia no preconceito que pressupõe a existência de uma sexualidade monogâmica em função da qual se deve interpretar e julgar todas as outras sexualidades” (BORRILLO, 2012, p.71). Desta feita, a busca por uma explicação plausível a respeito de características como a homossexualidade demonstra por si só a inconformidade e a inquietude em relação a tais temas. O homem só questiona aquilo que lhe incomoda e não se pode negar que a sexualidade se torna tão interessante, possivelmente devido ao seu mistério perante a ciência e as inúmeras reprovações morais que lhe atingem. Nesse sentido, não há como se pensar em algo ou ser estudado sem antes classificá-lo e torná-lo diferente dos outros objetos que não se tem atenção. É nessa medida que se iniciam os juízos de valor e o olhar de rejeição e repulsa em relação a ele. Seja qual for a forma como se analisa a sexualidade e a homossexualidade, em específico, não se pode olvidar que, dada a complexidade humana, seu dinamismo e sua idiosincrasia, qualquer forma de classificação tende a ser reducionista e imprecisa.

A mitologia grega trata de forma deveras erudita a necessidade do homem em querer adequar de forma nefasta os objetos ao seu redor em conceitos padrões e derradeiros. O clássico mito do Leito de Procusto conta como o sádico habitante de Elêusis recebia seus prisioneiros. Ao deitarem na cama, eles eram presos, como o tamanho nunca era exato, Procusto ora esticava-os até atingir sua medida, ora cortava as partes que sobravam, sempre compilando e deformando os corpos de forma a caberem perfeitamente na cama. A ciência e o senso comum ao tratarem da sexualidade realizam tratamento igualmente procústico, uma vez que distorcem a realidade e a heterogeneidade ao criar modelos e padrões estanques. A metáfora da Lei de Procusto talvez seja a mais bela imagem do processo retaliativo que passam os objetos ao serem estudados e classificados. Ao estampar na humanidade duas formas de sexo e dois ou três tipos de orientações sexuais definidas, tira-se do homem a própria possibilidade de autonomia, a estagnar qualquer possibilidade de idiosincrasia. O indivíduo, chegando ao apogeu de perder sua própria individualidade, se rebaixa ao nível mais prosaico de sua animalidade, no qual se deixa de ser homem e passa a ser isso ou aquilo.

Todavia, não é privilégio do homem hodierno buscar respostas diante da incompreensão da complexidade sexual. Entre os mais belos discursos que tentam explicar a incompreensível vastidão do amor e do sexo está a mitológica narrativa de Aristófanes, imortalizada na obra platônica *O banquete*. Segundo o mito, no início havia três sexos humanos: o masculino, o feminino e o andrógino. Na espécie masculina se podia observar dois homens fundidos em um só, com duas cabeças, dois pares de braços e dois pares de pernas; a espécie feminina era igualmente formada pela fusão de duas mulheres; ao passo que os andróginos se compunham de um homem e uma mulher. Essas criaturas se multiplicavam naturalmente por meio da duplicação. A força dessas criaturas era tão colossal que certo dia, dotados de tamanha audácia, resolveram escalar os céus até o Olimpo para tomar o lugar dos deuses. Temeroso de perder seu trono, Zeus lançou uma chuva de raios que atravessou as criaturas, dividindo-as ao meio – agora eles caminharão tesos sobre apenas duas pernas, e se con-

¹³Embora haja certa controvérsia nas siglas do Movimento Gay, podendo encontrar em referências mais obsoletas as siglas GLS, de Gays, Lésbicas e Simpatizantes, hodiernamente é mais comum que adote a opção GLBT ou ainda GL-BTT, aderindo à sigla também o grupo dos Bissexuais, dos Travestis e, mais recentemente, Transexuais e Transgêneros

tinuarem ambiciosos farei com que caminhem sobre um só pé, disse Zeus. Assim seccionadas, com grande desespero, cada uma das metades se pôs a procurar sua outra parte. Quando finalmente se encontravam, abraçavam-se e se entrelaçavam em um insuportável desejo de novamente se unirem para sempre. Sem fome nem sede, iam definhando e morrendo de inanição, porque juntas não queriam mais nada da vida, estavam completas.

Referências

ADAID, F. *Genealogia da homofobia: violência e falocentrismo*. Trabalho de Conclusão de Curso: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2013.

ATIKINSON, R. *Introdução à psicologia de Hilgard*. São Paulo: Artmed, 2007.

BADINTER, E. XY: Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BAILEY, M. et al. *Genetic and environmental influences on sexual orientation and its correlates in an Australian twin sample*. Harvard, 2012.

BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. São Paulo: Autêntica, 2010.

CHURCHILL, W. *Homosexual behavior among males: cross-cultural and cross-species investigation*. Nova York: Hawthorn, 1967.

DIAS, M. B. *União homoafetiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.

DICIONÁRIOS ACADÊMICOS. *Grego-português; português-grego*. Portugal: Porto, 2009.

DICIONÁRIOS ACADÊMICOS. *Latim-português; português-latim*. Portugal: Porto, 2008.

HITE, S. *O relatório Hite sobre sexualidade masculina*. São Paulo: DIFEL, 1981.

_____. *O relatório Hite sobre sexualidade feminina*. São Paulo: DIFEL, 1985.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

KINSEY, A. *Conducta sexual de la Mujer*. México: Editorial Interamericana, 1954.

_____. *Conducta sexual del Varón*. México: Editorial Interamericana, 1949.

LEHNE, G. *Homophobia among men*. In: Davis; Brannon. *The forty-nine percent majority: The male sex role*. Reading, MA: Addison-Wesley, 1976. p. 66-68.

LEVITTY; KLASSEN. Public attitudes toward homosexuality: Part of the 1970 National Survey by the Institute for sex Reserch. *Journal of homossexuality*, v. 1, p. 29-43, 1974.

MASTER, W; JOHNSON, V. *O vínculo do prazer*. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

_____. *Homossexualidade em perspectiva*. São Paulo: Artes Médicas, 1977.

_____. *A resposta sexual humana*. São Paulo: Roca, 1984.

MOTTA, A. *Genética humana aplicada a psicologia e toda a área biomédica*. São Paulo: Artmed, 2007.

PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2010.

POIANI, A. *Animal homosexuality: a biosocial perspective*. EUA: Cambridge, 2010.

ROUDINESCO, E. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SMITH, K. Homophobia: A tentative personality profile. *Psychological Reports*, n. 29, p. 1091-1094, 1971.

ZIMMERMAN, D. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. São Paulo: Artmed, 1999.